

Cenário - Brasil

Uma estratégia de guerra

Nenhuma atividade humana tem sido mais estudada do que a guerra. Nenhuma outra atividade tem sido mais frequente ou mais importante para os povos e as nações. Historiadores do século passado tiveram a pachorra de contar quantos anos de paz o mundo ocidental conhecera desde os primeiros registros, que datam de 1496 antes de Cristo, até 1861, d.C. Resultado: 227 anos de paz e 3.130 anos de guerra.

Uma das consequências dessa matança constante e generalizada é que as leis gerais da guerra estão sistematizadas há muito tempo e mudaram pouco ao longo dos séculos. Princípios de estratégia enunciados pelos chineses 600 anos antes da nossa era são válidos até hoje. As regras de Clausewitz, um conde alemão que participou da batalha de Waterloo, continuam sendo estudadas até hoje. Uma das regras fundamentais da estratégia é a concentração de forças a partir de uma base de operações que permita marchar contra o inimigo onde e quando ele se encontre mais fraco. Para obter-se sucesso, é preciso conhecer o terreno onde o combate vai ser travado e a disposição de resistência do adversário. Uma guerra se ganha quando se quebra a vontade do opositor e não necessariamente pela aniquilação dos seus exércitos.

Essas explicações guerreiras vêm a propósito das medidas antiinflacionárias anunciadas a conta-gotas pelo ministro Fernando Henrique Cardoso e sua equipe de economistas. Tudo se passa como se ele tivesse terminado a concentração das suas forças, quer dizer, a reunião dos seus aliados nos partidos, nos meios empresariais, na sociedade civil e na administração federal, civil e militar. Começa a expedir as suas ordens de marcha, ou seja, a mandar as propostas que elaborou rumo ao *Diário Oficial*, para as que podem ser executadas por decretos e portarias, ou rumo ao Congresso, campo decisivo de combate, para as que demandam legislação ordinária ou alterações na Constituição.

O acaso, fator muitas vezes determinante para o resultado dos combates, favorece Fernando Henrique. A equipe econômica sempre

disse ser o mês de janeiro, quando as safras já estão sendo colhidas, o ideal para a implementação de planos de controles de preços. O que não podiam prever era a ajuda que a CPI do Orçamento lhes daria, retirando uma parcela da legitimidade de que o Congresso teria para opor-se aos seus projetos.

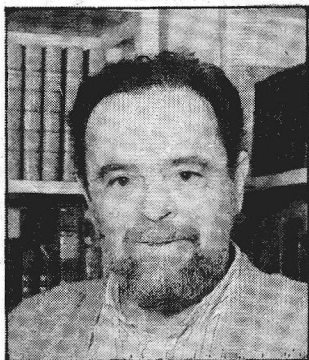
Parece evidente que o ministro está buscando um confronto decisivo, tipo tudo ou nada. Pedirá ao Congresso um aumento das alíquotas dos impostos, medida que sabe ser impopular. Pedirá ainda algo mais difícil: uma alteração na Constituição retirando verbas de Estados e municípios para destiná-las a um fundo de solidariedade, responsável pelo custeio da saúde. Em um ano eleitoral, a proposta é indigesta para os parlamentares e aumenta a concentração de poderes em Brasília. Finalmente, deverá propor a privatização dos setores elétrico e de telecomunicações, de-

safiando nacionalistas e estadistas. A tudo isso some-se a medida provisória sobre liminares da Justiça e, ainda em estudos, a que pretende acabar com as diferenças salariais entre servidores dos três poderes, mandando os marajás da República obedecerem aos tetos de vencimentos na Constituição.

Os riscos do tudo ou nada são grandes. Saddam Hussein falava da batalha mãe de todas as batalhas. Ficou sem mãe. Alemães e aliados procuraram travar a batalha decisiva em torno do

território livre de Belfort, durante a Primeira Guerra Mundial. Houve empate e cada lado perdeu 1 milhão de homens. Nunca, como naquela época, grandes exércitos foram comandados por generais tão burros. Daí que o primeiro-ministro francês Georges Clemenceau tivesse toda a razão ao dizer que a guerra é um assunto sério demais para ser deixado nas mãos de generais. Não será a economia assunto sério demais para economistas?

No entanto, o tudo ou nada pode ter vantagens. Ganhando tudo, em uma Austerlitz congressual, Fernando Henrique vira imperador. Perdendo, a culpa da inflação continuada será do Congresso. Tivesse ele outro passado ou fosse um peruano, de olho apertado, poderíamos pensar em intenções autoritárias.



■ Márcio Moreira Alves é jornalista

**Parece evidente
que Fernando
Henrique está
buscando um
confronto tipo
tudo ou nada**